

Reflexões de um Jornalista de TV

Condensado do LONDON ENCOUNTER
ROBIN DAY

Muitas vezes, diz este notável jornalista inglês, a mensagem da TV é adulterada para adaptar-se ao meio a que se dirige — e o resultado é uma visão desequilibrada e distorcida do mundo

OS MEUS 15 ANOS DE jornalista de TV coincidiram com os anos em que a televisão se expandiu até ao ponto de se tornar um fenómeno mundial. A velocidade de sua expansão tem sido fantástica. Estendeu-se até aos países mais pobres do terceiro mundo. Nas sociedades prósperas está em quase todos os lares. Satélites em órbita transmitem imagens de uma parte à outra

ROBIN DAY apresenta regularmente "Panorama", o melhor programa de assuntos de interesse público da BBC de Londres. Há 10 anos ele trabalha para a BBC-TV. Antes disso, foi encarregado de programas noticiosos e repórter político do departamento jornalístico da rede de TV comercial inglesa. Escreveu *Television: A Personal Report* ("Televisão: um Informe Pessoal") e *The Case for Televising Parliament* ("Televisão no Parlamento").

do nosso planêta. A descida de um astronauta na Lua foi vista pelo homem em todos os recantos da Terra. A TV em cores faz o preto-e-branco parecer tão antiquado como parecia o rádio no começo da televisão.

Mas como veículo jornalístico a televisão tem limitações perigosas. O fato é que sua dependência de imagens (e das imagens mais vívidas) torna-a um meio de comunicação não só *poderoso* mas também *grosseiro*, que tende a tocar a emoção mais do que a inteligência. Para o jornalismo de TV, isso significa uma crescente concentração na ação (geralmente violenta e sangrenta) mais do que no pensamento; no acontecimento mais do que nos problemas; no choque mais do que na

explicação; nas personalidades mais do que nas idéias. A TV pode fazer a cobertura de um motim, uma guerra, revolução, um assassinato mais vivamente do que qualquer jornal; mas também tende a dar um tratamento muito mais superficial às razões que estão por trás desses acontecimentos.

Uma das maneiras de evitar que as imagens distorçam ou dominem completamente a televisão como meio de informação é acompanhá-las com palavras. Mas as palavras, na televisão, ficam em segundo plano com relação às imagens, especialmente se estas últimas são de alta dramaticidade. E as palavras assim transmitidas não podem ser relidas como as palavras impressas, se o leitor assim o desejar. O impacto da imagem permanece na consciência mais tempo que as palavras de interpretação ou moderação. Ver numa tela de televisão uma pessoa sendo brutalmente espancada perdura muito mais nas emoções do que as palavras de comentário, que acentuem que só uma pessoa entre uma multidão de várias centenas sofreu violência e que o resto da cidade estava completamente calmo. Nem é preciso dizer que imagens mostrando o resto da cidade em completa calma não seriam consideradas "boa televisão".

O insaciável apetite da televisão pelas imagens dramáticas e repletas de ação tem implicações amplas e profundas. As guerras na televisão, por exemplo, são vistas quase exclusivamente em termos de baixas e combates. Que há de mal nisso? Que

é a guerra senão morticínio e combate, sangue e brutalidade? Está certo—mas a televisão geralmente se concentra nisto, com a exclusão das idéias e dos problemas que estão na origem das guerras. A televisão nem sempre se dá suficientemente ao trabalho de perguntar "quem é responsável", "por que isto está acontecendo" ou "qual é a alternativa".

E isto não é tudo. A televisão pode colher as suas imagens apenas num lado de um conflito—que pode ser igualmente horripilante em sua crueldade de ambos os lados. Temos visto na TV algumas imagens extremamente brutais da guerra no Vietnã, a maioria tomadas graças a facilidades concedidas pelos americanos. Mas, sem entrarmos em discussão sobre o Vietnã, pode haver alguma dúvida de que brutalidades e atrocidades sejam cometidas nas áreas sob domínio dos vietcongs? Quanto já foi visto disso na televisão?

Isto me leva a outra limitação importante e raramente assinalada que é inerente à televisão como meio de informação. Para que a TV possa cobrir uma situação num dado país, há determinados requisitos a serem preenchidos. Primeiro, a televisão tem de entrar, com o seu complicado equipamento. Depois de entrar (e isto é mais difícil para um grupo de quatro pessoas com 20 caixas de equipamento do que para um jornalista sozinho, com uma valise e um caderninho de notas), tem de se movimentar no país. Movimentar-se e prepa-

rar tudo para a filmagem exige uma licença, nem sempre dada facilmente a um bando de estrangeiros curiosos. Mesmo que se obtenham os meios e a licença para essa movimentação, é preciso encontrar gente que queira falar. As pessoas com quem precisamos falar podem insistir em não ser interrogadas ou ser interrogadas apenas sob certas condições. Em outras palavras, a televisão não conseguirá qualquer notícia enquanto não conseguir a imagem de que necessita.

Conseqüentemente, uma das limitações específicas da televisão é que sua cobertura encerra uma predisposição contra as sociedades livres e abertas. A televisão é muito mais capaz de dar um quadro crítico e pouco lisonjeiro de uma sociedade livre do que de um Estado totalitário. Nas telas de TV do mundo ocidental (e, sem dúvida, do mundo comunista também) as reportagens visuais sobre violência, injustiça e protesto nos Estados Unidos são parte do trivial do telespectador. Grande parte dessa cobertura é feita e vendida através do mundo pelos próprios americanos. Como, entretanto, poderá a televisão cobrir a injustiça, a opressão e a brutalidade em outras partes do mundo, como a China, a Rússia, a Tchecoslováquia ou a Rodésia? Devido às suas próprias necessidades operacionais, a televisão é incapaz de dar informes honestos e equilibrados sobre uma grande parte do mundo de hoje.

Isto não pode deixar de produzir um efeito profundo sobre a opinião pública nos países livres onde a tele-

visão é o grande meio de comunicação de notícias e informações. O público é constantemente lembrado da maneira mais vívida dos males da nossa própria sociedade e dos outros países onde a televisão tem livre curso. Mas os males da vida nos países totalitários fechados não têm nem de longe a mesma ênfase. Tudo isso tende a dar uma visão grosseiramente distorcida do mundo. A televisão pode ser o mais poderoso meio de comunicação de massa que o mundo já conheceu, mas, devido aos seus perigos e insuficiências, aqueles que a usam como meio de informação jornalística enfrentam um constante desafio à sua própria integridade e senso de responsabilidade. Êsses perigos e defeitos podem resumir-se no seguinte:

Ela é um tablóide que só lida com grosseiras manchetes visuais.

Ela vive exclusivamente de imagens—sobretudo imagens de ação.

Ela é mais eficaz na transmissão de imagens e impressões do que de idéias e argumentos intelectuais.

Como meio de pesquisa pode operar muito eficientemente numa democracia aberta, mas muito menos, e por vezes de maneira enganadora, num Estado totalitário.

O orgulhoso lema da televisão é "*Veja acontecer*"—mas ver não é necessariamente compreender, e as visões escolhidas podem não compor todo o quadro.

O Vietname, por exemplo, foi chamado "a primeira guerra da televisão". Não pode haver dúvida de que o fato de os americanos verem essa

guerra (ou, antes, um lado dela) nos seus próprios lares, noite após noite, tem produzido um poderoso efeito sobre a opinião pública. No passado as guerras eram algo que os soldados iam fazer em lugares remotos; hoje em dia a guerra é algo que as pessoas que ficam em casa têm de engolir junto com o seu jantar.

Aquêles que tomam posição decidida contra a política dos Estados Unidos no Vietname sem dúvida acham ótimo êsse efeito da TV sobre a opinião pública. Mas—sem entrar no mérito do problema do Vietname—a gente fica a imaginar se no futuro uma democracia, com uma televisão não censurada dentro de cada lar, poderá fazer uma guerra, *mesmo justa*.

Por melhor que seja a causa—legítima defesa, resistência à agressão ou até mesmo combater sob a bandeira das Nações Unidas—os detalhes brutais da ação militar estarão no vídeo para chocar e horrorizar, talvez solapando a vontade dessa nação de resistir às forças do mal ou mesmo defender a sua própria liberdade.

Quando as pessoas se horrorizam com o espetáculo de massacres e destruição, não são fáceis de convencer que pode estar em jôgo uma causa. A visão de uma criança morta, uma casa em chamas, um soldado-cidadão morrendo—tudo isso pode causar um impacto muito mais poderoso do que conceitos abstratos como “liberdade” ou “segurança coletiva”.

Pode haver quem pergunte: se a televisão é uma aliada do pacifismo,

não é isso uma esperança para o mundo? A resposta a essa pergunta depende de você acreditar na paz a qualquer preço, mesmo que êsse preço inclua a liberdade ou a independência de “países distantes dos quais nada sabemos”.

Talvez a questão mais difícil para a consciência de um jornalista de TV seja esta: será que a televisão, com sua simples presença num acontecimento, não ajuda a criar uma atmosfera explosiva de excitação e desordem? A presença da câmara não faz automaticamente subir a temperatura? A televisão não é uma incubadora de violência? Aqui, novamente, a História nos lembra que os homens se sublevaram em sangrentas rebeliões e manifestações violentas muito antes de existir a televisão. Há, no entanto, abundantes provas de que a câmara de televisão, com sua faculdade de comunicar um só incidente a milhões de pessoas que a êle não estão presentes, pode agir como um convite à violência, à desordem, ao protesto revolucionário, pela dramaticidade da ação física.

Que se pode fazer para se proteger contra os perigos que mencionei e para superar as limitações da televisão como meio de informação jornalística?

Pelo fato de as suas manchetes visuais produzirem efeito tão poderoso, deve fazer-se o máximo esforço para garantir que o serviço noticioso básico da TV seja apresentado com seriedade e responsabilidade. Se o serviço informativo sucumbir às tenta-

ções do videotablóide de sensaciona-
lismo, distorção e banalização, e se
lhe faltarem a coragem e a capacida-
de para enfrentar os problemas sérios,
apesar das limitações de tempo e de
técnica, então uma fonte básica de
fatos para um país inteiro estará sen-
do adulterada.

A televisão não deve estar comple-
tamente em mãos de pessoas cujo in-
terêsse principal seja o divertimento
leve. O lado informativo e jornalís-
tico da televisão deve estar sob a res-
ponsabilidade direta de profissionais
preocupados com a inteireza da co-
municação de massa, cujo objetivo
é informar, explicar e indagar. De
outra maneira, a informação pela TV
ficará obrigada a ser sensacional ou

“divertida”, evitando assuntos con-
siderados pesados ou impopulares.

O primeiro dever da televisão é a
busca honesta da verdade. Isso não
é uma aspiração sem sentido. A ver-
dade pode ser um ideal enganoso.
Mas eu desejaria ver a televisão não
simplesmente como uma gigantesca
máquina de imagens, com um botão
marcado “chocar” e outro “tranqüi-
lizar”. Com tôdas as suas limitações,
ela pode ser um poderoso fôro de
idéias—inquirindo, criticando, ex-
pondo, esclarecendo. Se tiver con-
dições de trabalhar com liberdade,
responsabilidade e independência, a
televisão poderá *efetivamente* ser uma
arma contra o preconceito, a injus-
tiça e a ignorância.



AQUÊLE CACHORRO era malvado e briguento. Brigava com todos os
cachorros da vizinhança, perseguia os carteiros, latia para os fornece-
dores e aterrorizava os gatos.

—Acho que vamos ter de livrar-nos dêle—declarou meu marido
uma noite.

Mas, com a esperança de que sua honestidade espantasse os com-
pradores, anunciou: “Vende-se cão bravo!”

Na primeira noite o telefone tocou.

—O cachorro é bravo mesmo?—perguntaram.

—Se é!—respondeu meu marido.—Briga com todos os cachorros
da vizinhança.

—Êle briga com cachorros grandes?

—Êle também é grande.

—Exatamente o cachorro que eu quero!—disse o outro.—Onde
o senhor mora?

Meu marido deu o enderêço e fêz-se um silêncio completo por um
momento.

—Oh, não!—gemeu o sujeito.—Eu moro na esquina. Só queria um
cachorro para dar uma lição no seu!

—N. K. R.